

Medos e felicidade

Sejamos sinceros: o que de fato nos motiva a ainda persistirmos na ciência, na filosofia, na educação, na explicação das coisas na atualidade? Como hipótese inicial, a resposta, talvez, esteja vinculada à busca de superação dos inúmeros problemas que a sociedade global esteja enfrentando.

Superar dificuldades equivale, de algum modo, a encontrar alternativas na busca da felicidade. Para Mazzi (2021), a felicidade está diretamente ligada aos desejos, às expectativas, aos sonhos e às necessidades. Dessa forma, varia de pessoa para pessoa. O estado da felicidade pode estar relacionado a diversos aspectos ao redor do indivíduo, e sua formação profissional não está fora disso. A felicidade é conceituada desde o modo como se percebe a vida em suas múltiplas dimensões que envolvem o ser humano numa perspectiva de melhoria da qualidade de vida, a qual é muito mais do que um conceito, tudo isso em um contexto social e comunitário.

Nesse contexto das dificuldades e do generalizado mundo globalizado, temos assistido, com certo espanto, ao fenômeno da pandemia da covid-19, cujas informações são compostas de verdades e mentiras e jogos ideológicos, mas que resultam, em última instância, em mortes, ansiedades e uma série quase infinda de sentimentos geralmente negativos. Paulatinamente, acentuam, no mundo todo, a fome, a migração desenfreada e o vazio existencial, como o vivido por diversos psicanalistas no período da II Guerra Mundial (1939-1945), como os de origem hebraica, Viktor Frankl ou Erich Fromm, pelas mais distintas causas.

Antes, as situações de pobreza podiam ser entendidas como reveladoras de um fenômeno acidental, residual, estacional e intersticial, vistas como desadaptação local aos processos mais gerais de mudança ou como inadaptação entre condições naturais e sociais. Era uma pobreza produzida num lugar e não se comunicava com outro lugar. Num segundo momento, essa pobreza passou a ser identificada como uma doença da civilização, cuja produção acompanha o próprio processo econômico (SANTOS, 2003).

Não são novidade econômica, social ou política as notícias levadas a efeito pelos meios de comunicação e pelos organismos internacionais de que há, no mundo atual, cerca de 800 milhões de pessoas passando fome

em sentido literal, não obstante haver produção de alimentos capazes de suprir tal estado de miséria. Essa questão da fome, aliada às questões políticas e de guerras, tem exercido o maior movimento migratório da história e também os maiores sofrimentos humanos e psicossociológicos que se possa imaginar.

Disso tudo decorre que, a cada instante, caminhos diversos são propostos ao caminhante. O ser humano se põe na encruzilhada como Hércules, porque cada ramal da estrada da vida conduz a sendas diferentes, e o risco é sempre presente. O discernimento é exercício e opção, mas nem sempre factível. O desabrochar do amanhã é inerente às iniciativas atuais e se dá conforme os empreendimentos pessoais. Daí que os caminhos das pessoas nem sempre são os caminhos dos seus entes próximos e da comunidade de pertencimento. Entretanto o sentimento de pertença é que pode dar sustentação à vida em comunidade e familiar, além de permitir fazer aflorar sujeitos pessoais e coletivos capazes de promover a virtude e restaurar a beleza da existência, já que isso está literalmente perdido aos que partem sem pátria, com o desafio do eterno recomeço (MARQUES, 2020).

Ninguém deixa o seu lugar por nada: há sempre uma busca, seja ela forçada, seja ela espontânea. A reconstrução de uma nova vida é sempre pautada de imprevistos e dificuldades em conformidade com as situações de cada pessoa e até mesmo das questões ambientais. Haverá sempre um jogo entre o desejo nômade e o sentimento de pertença. Isso faz parte da essência humana. Todavia termina prevalecendo o desejo de ficar e aninhar-se no seu lugar de pertencimento, buscando superar as dificuldades com os meios disponíveis no eterno esforço de superar os medos que se avizinham. Nesse sentido, Tuan (2005) afirma que os indivíduos de uma mesma espécie podem muito bem sentir medos diferentes e, entre os seres humanos, espécie altamente polimorfa e polimática, isto é, prismada por diversas cores, alguns são tímidos, enquanto outros são naturalmente ousados a ponto de se transcenderem e transfigurarem. Tal fato gera necessariamente a tendência de uns prevalecerem sobre os outros.

Este número da **Multitemas** está trazendo dez artigos inteiramente multitemáticos, como um esforço de explicação da complexada realidade que estamos atravessando. Para os iniciados nas distintas faces da ciência,

não é difícil entender que cada texto científico representa uma análise, ainda que hipotética, de seu “objeto” de estudo, com indicativos de superação das dificuldades encontradas, como um teor prognóstico.

Creemos óbvio que os respectivos prognósticos de cada trabalho publicado representam um esforço de colaboração na construção da felicidade em sentido amplo, na medida em que pode ajudar as pessoas no exercício da informação e do discernimento. E, como lugar-comum, é preciso que se repita que os possíveis leitores devem tirar o melhor proveito possível. É o que desejamos.

Prof. Dr. Heitor Romero Marques

Editor-Chefe

REFERÊNCIAS

MARQUES, Heitor Romero. *Insustentáveis certezas desconexas*. Campo Grande: Life, 2020.

MAZZI, Regina Aparecida Pereira. *A relação da felicidade com o desenvolvimento local, a partir da visão de estudantes da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)*. 102 f. 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2021.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2003.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: UNESP, 2005.

